

## 6. Apaixonar-se por Cristo

O nosso verdadeiro interesse é ser salvo por Jesus Cristo. Mas será preciso esperar até nos afogarmos no mar para perceber isto, para pedir e receber a salvação de Jesus? Será que só devemos realmente decidir perder a nossa vida por Ele quando estamos a perdê-la num momento dramático e trágico, como quando estamos doentes, morrendo ou quando perdemos tudo? Mas então, que liberdade temos em perder a vida por Cristo? É realmente verdade que não a podemos doar de espontânea iniciativa? Por exemplo: devemos esperar entrar num mosteiro apenas quando tudo cai, quando tudo desmorona? É verdade que em tempos dramáticos da história as vocações aumentam, como depois da Segunda Guerra Mundial, mas na realidade nem sempre é assim (a pandemia, por exemplo, não está dando mais vocações), e não é bom que seja assim, porque significa que as vocações são fruto da desilusão, do medo, e não um impulso livre de amor a Cristo.

Na verdade, como nascem no Evangelho as vocações para deixar tudo por Cristo? Em Mateus e Marcos, o chamado dos primeiros discípulos segue imediatamente a cena que descreve Jesus que, depois do batismo e da tentação no deserto, percorre a Galileia dizendo: "O tempo está cumprido e o Reino de Deus está próximo: fazei penitência e crede no evangelho" (Mc 1,15; cf. Mt 4,17). Ao longo do Mar da Galileia, Jesus vê Simão e André, depois Tiago e João, todos empenhados no trabalho como pescadores. Lhes chama: "Sigam-me, vos farei pescadores de homens" (Mc 1,17; cf. Mt 4,19). Eles deixam tudo e o seguem. Em Lucas, o chamado é precedido por Jesus entrar no barco de Simão para pregar à multidão, depois lhes pede para ir ao mar e lançarem as redes. Simão mostra que trabalharam a noite toda sem pescar nada, mas nas palavras de Jesus, que talvez o tenha fascinado enquanto ouvia a sua pregação, aceitam a jogar a rede, que se encheu de peixes. Pedro não se sente digno deste milagre, de estar perto do Senhor, mas Jesus interrompe a conversa e chama-o: "Não temas; a partir de agora serás pescador de homens" (Lc 5,10). Então os discípulos, "levaram seus barcos para terra, deixaram tudo e o seguiram" (Lc 5,11).

Voltemos à pergunta que fiz anteriormente: como nascem no Evangelho as vocações para deixar tudo por Cristo? Qual é a razão pela qual estes homens, jovens, mas já amadurecidos, porque trabalham e têm uma empresa de pesca, quase todos casados, com uma casa (a de Pedro ainda hoje pode ser visitada em Cafarnaum, e era uma bela casa), qual é a razão pela qual eles deixam tudo para seguir Jesus? O Evangelho não menciona nenhuma qualidade especial neles, exceto a de serem pescadores, mas para se tornarem pescadores de homens, não creio que seja necessário ser pescadores de peixe, tanto que os demais apóstolos, Jesus escolherá com outros trabalhos. Não, não foram as qualidades ou características que determinaram o seguimento de Jesus. Então o que foi? O Evangelho é claro: *o próprio Jesus, a sua pessoa foi a única razão que os levou a segui-lo*. Qualquer outra pessoa que lhes tivesse dito: Sigam-me!, eles não teriam deixado tudo e seguido. Jesus, por outro lado, não lhes ordenou de segui-lo: os convidou, lhes propôs que o seguisse, mas, como o jovem rico mais tarde fez, eles não eram obrigados a fazê-lo, não tinham que o seguir

forçados. Simão, André, Tiago, João, Filipe e Natanael, depois Mateus e todos os outros apóstolos e discípulos, incluindo as mulheres como Maria de Mágdala, Joana, Susana, etc., seguiram Jesus por Jesus, por causa Dele. Não O seguiram para ganhar algo, como os muitos peixes da pesca milagrosa, porque mesmo aqueles muitos peixes os deixaram lá, com o barco, os trabalhadores, as famílias, tudo. Só se deixa tudo para seguir Cristo se, pelo menos no desejo, Cristo é tudo para nós, só se Ele, e só Ele é a razão e o propósito do seguir. Os discípulos renunciaram imediatamente a buscar seus próprios interesses para procurar os de Cristo, movidos pela misteriosa atração da sua pessoa.

Na experiência humana, o que leva alguém a renunciar aos próprios interesses em pro dos interesses de outro? O impulso mais poderoso é o amor, como o apaixonar-se entre um homem e uma mulher, ou o amor dos pais pelo seu filho. Nestas experiências de grande amor, o simples fato da pessoa amada estar lá, exista, justifica qualquer renúncia por ela. O amor atrai um para sentir os interesses do outro como mais importantes do que os seus próprios. Porém, na experiência humana, muitas vezes, ao longo do tempo, um se apropria do interesse do outro, transformando-o no seu próprio interesse, ao ponto do egoísmo. Torna-se ciumento e possessivo, cheio de pretensões, de procurar vantagens, mesmo em relação a uma pessoa amada ou dos próprios filhos.

Esta tendência, que deriva do pecado original, não poupa nem a nossa relação com Jesus e a nossa vocação. Se no início seguimos Jesus apenas porque fomos atraídos por Ele, e estávamos dispostos a perder tudo por Ele, com o passar do tempo, como fizeram os próprios apóstolos, começamos a calcular a vantagem do nosso seguimento, da nossa renúncia, da missão por Cristo que recebemos. Como quando Pedro pergunta a Jesus: "Eis que deixámos todas as coisas e vos seguimos: que teremos pois?" (Mt 19,27). Jesus promete o cêntuplo de tudo o que se deixou e a vida eterna, mas reitera que esta recompensa é para quem persiste na renúncia e, em Marcos, acrescenta que o cêntuplo vem acompanhado de "perseguições" (Mc 10,30). O que isto significa? Que não podemos permanecer no seguimento de Cristo por outras razões e com outra força que a sua presença e o nosso amor por Ele. O próprio Pedro, seguirá Jesus de forma totalmente desinteressada, isto é, procurando apenas os interesses de Jesus, só depois de Pentecostes, com a força e o amor que lhe foi dado pelo Espírito Santo. E se isto era necessário para ele, o primeiro dos apóstolos, como deve ser necessário para nós! Veremos como.